

O DIGITAL E O QUEER NA ARTE DE CURITIBA: DESAFIOS DE ACESSO E CONSERVAÇÃO

THE DIGITAL AND QUEER IN ART FROM CURITIBA: CHALLENGES OF ACCESS AND CONSERVATION IN THE ERA OF SOCIAL MEDIA

Arthur Leitis Junior¹

Resumo: o presente texto investiga a passagem da arte física para a arte digital no segmento da arte queer, exposta na Cidade de Curitiba nos últimos dez anos, de 2014 a 2024. A partir de buscas de palavras na internet, foram identificados cinco artistas: Raul Cruz; André Malinski; Edilson Viriato; André Serafim; e Leonardo Mercher. Esses artistas não foram selecionados necessariamente por serem pessoas queer, mas por suas artes perpassarem o tema queer e estarem disponíveis virtualmente. Análise das obras e entrevistas com alguns dos artistas foram realizadas para compreender melhor algumas reflexões sobre dilemas no campo das artes visuais tais como: a passagem da arte física para o digital; acesso aos trabalhos e à informação; e a conservação da arte digital. Os principais resultados obtidos demonstram algumas dificuldades de acesso, como censura das plataformas sobre o tema e a falta de informações técnicas dos trabalhos disponíveis, bem como dificuldades de conservação, como o envelhecimento da internet e gradual perda de acervo e memória em antigas plataformas utilizadas pelos artistas.

Palavras-chave: Arte; Digital; Queer; Curitiba.

Abstract: this paper investigates the transition from physical art to digital art and opts for the segment of queer art exhibited in the City of Curitiba in the last ten years, from 2014 to 2024. Using virtual word searches, artists, art works and exhibitions were identified recurring in the results that limited data collection to five artists: Raul Cruz; André Malinski; Edilson Viriato; André Serafim; and Leonardo Mercher. These artists were not necessarily selected because they were queer people, but because their art encompasses the queer theme and is available virtually. Analysis of the works and interviews with some of these artists were conducted to better understand some reflections on dilemmas in the field of visual arts, such as: the transition from physical art to digital; access to works and information; and the preservation of digital art. The main results obtained demonstrate some difficulties in access, such as censorship on the platforms on the subject and the lack of technical information on the available works, as well as difficulties in conservation, such as the aging of the internet and the gradual loss of collections and memory on old platforms used by these artists.

Keywords: Art; Digital; Queer; Curitiba.

1 INTRODUÇÃO

No campo da história da arte, a arte homoafetiva aparece desde sempre enquanto temática, questionando os temas padrões heteronormativos. Relações homoafetivas em cerâmicas e antigas pinturas são conhecidas desde a Idade Antiga. Mas em nosso tempo presente, essa arte questionadora da heteronormatividade vai além da temática e ganha força enquanto movimento social. Sobre essa arte, reconhecida como arte *queer*, segundo Lord e Meyer (2013, p. 9), seria o conjunto das “práticas culturais que se opõem à heteronormatividade”. Por sua vez, a heteronormatividade seria a construção de uma normalidade baseada em relacionamentos heterossexuais e de identidade cisgênero, ou

¹ É Mestre em Educação e Novas Tecnologias pela Uninter (2018), Graduado em Biblioteconomia pela UDESC (2002) e Comunicação Social pela UniVale (1995). Desde 2008 integra a Biblioteca Central da UFPR.

seja, um sistema binário entre homens e mulheres heterossexuais. Nesse sentido, o artista que produz essa arte também pode ser um questionador social. Nem sempre um artista que produz arte *queer* seria uma pessoa LGBTI+, mas quando o é pode expressar suas vivências e fortalecer um movimento artístico que busca resistir socialmente às pressões do “normal”.

O presente texto não busca definir as identidades dos artistas, mas focar em trabalhos e séries que retratam, diante das buscas virtuais e de nossa leitura estética, o *queer* na arte local. A partir da primeira exposição em panorama da obra completa de Raul Cruz, em 2014, pela FIEP, inicia-se uma pesquisa virtual sobre os últimos dez anos (2014-2024) da arte *queer* na Cidade de Curitiba, identificamos seis exposições que traziam a temática: *Exposição Cena Raul Cruz* (Sesi-Fiep, 2014); *Ícaro* (MAC-PR, 2016); *Queer Quarrel* (Galeria Airez, 2017); *Tempo que passa...*(UP, 2022); *André Malinski no Céu* (MAC-PR, 2023); e *Memórias da (r)existência LGBTI+ no Paraná* (MIS-PR, 2023). Vale ressaltar que essas não podem ser consideradas as únicas ou as mais importantes exposições do período, mas as que surgiram nas buscas virtuais. Dessas seis exposições selecionamos os cinco artistas que trouxeram temáticas *queer*: Raul Cruz (1957-1993), André Serafim (1965), André Malinski (1966-2021), Edilson Viriato (1966) e Leonardo Mercher (1985).

Como as obras foram encontradas virtualmente, refletimos como o público dessa arte é alcançado por meio da *internet*. A partir de *hashtags* (marcações de algoritmo de interesses), como *#queerart* e *#artequeer* no *Instagram* ou *Pinterest*, por exemplo, um indivíduo passa a acompanhar a produção de artistas de diferentes locais ao redor do mundo. Portanto, o acesso virtual à arte se torna esse segundo ponto de reflexão. Já o terceiro ponto de investigação recai sobre a arte digital e sua conservação.

Enquanto a arte física possui protocolos de conservação e restauro em arquivos e depósitos de museus e galerias, a arte digital aparentemente depende da manutenção dos meios virtuais - sites, redes sociais e nuvens de arquivos. Já vimos sites e provedores finalizarem seus serviços, corrompendo e perdendo arquivos digitais. Não é difícil encontrar páginas na internet, como de antigos blogs, com descrições truncadas pela programação e espaços vazios de imagens que outrora traziam ali a arte de um artista. A Internet também envelhece e vai deixando registros incompletos sobre suas atividades, pondo em risco a memória e a conservação da arte digital. Por isso, em entrevista com alguns desses artistas, buscamos compreender quais meios utilizam para cuidar e preservar seus trabalhos pensando no acesso futuro.

Para organizar a pesquisa, o presente texto está dividido em mais três seções: i) alguns artistas que contam a história da arte *queer* em Curitiba; ii) o dilema do público presencial e virtual; iii) o dilema da memória e conservação dessa arte digital. Após essas três seções, registramos os principais pontos da pesquisa nas considerações finais. Vale destacar que utilizamos tanto da pesquisa virtual e revisão de literatura para identificarmos artistas e suas produções, bem como de entrevista estruturada. As entrevistas ocorreram por

e-mail a partir de três perguntas fixas que posteriormente foram complementadas em conversa livre com os artistas, sendo elas: i) Quais temas estão presentes em sua arte; ii) Como o público acessa sua arte; iii) Como é feita a conservação do seu acervo. Mas, antes de irmos aos dilemas de acesso e conservação da arte digital, comecemos com a identificação dos artistas na seção a seguir.

2 ALGUNS ARTISTAS QUE CONTAM A HISTÓRIA DA ARTE QUEER EM CURITIBA

Por Curitiba passaram diversos artistas que trataram de temáticas relacionadas à arte *queer* e seu desafio à heteronormatividade. Seria difícil identificar todos, até mesmo difícil definir uma data quando essa arte teria começado na cidade. A vivência de pessoas LGBTI+ se mistura com territorialidades e temáticas não-heteronormativas na cidade. Gilda Rinke da Boca Maldita (1950-1983), travesti conhecida como a “primeira gay curitibana” (Paraná Histórica, 2024), já realizava suas performances de beijos na Rua XV dos anos 1970 e 1980. Sociedades secretas, como o Clube das Tulipas Negras, nos anos 1960, e mais recentemente coletivos culturais, como os Selvática Ações Artísticas e Machorra Edições Piratas também marcam a história cultural LGBTI+ curitibana em uma linha tênue entre ser *queer* (LGBTI+) e produzir arte *queer*. Mas ao olhar para tantas possibilidades, quais artistas investigar?

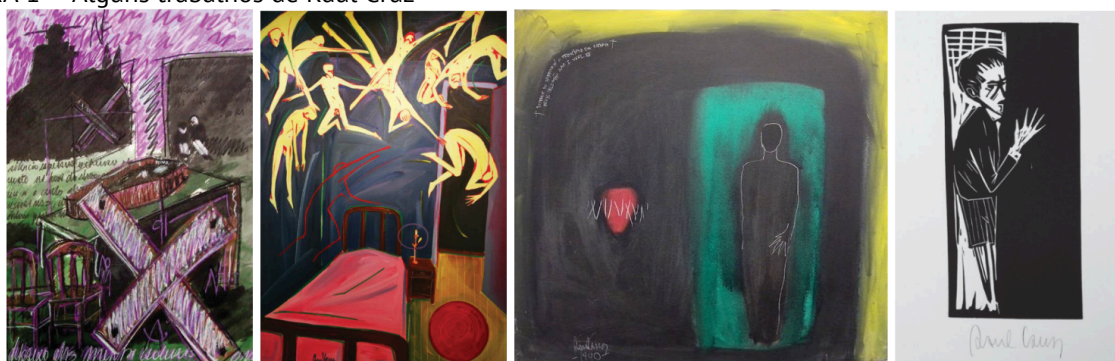
Em breve pesquisa na internet, ao colocar as palavras ‘arte’, ‘*queer*’, ‘Curitiba’, ‘artista’ surgem nomes de coletivos, cantores, transformistas, atores e drag queens. Se colocarmos mais dois filtros na busca - ‘artes visuais’ e ‘exposição’ - teremos nomes recorrentes como os de Raul Cruz (1957-1993) e André Malinski (1966-2021), ambos falecidos e que contaram com exposições individuais *in memoriam* (Sesi-Fiep, 2014 e MAC-PR, 2023 respectivamente). Além desses dois, surgem exposições e trabalhos expostos que foram compreendidos como arte *queer*, como no caso de André Serafim (1965) e o seu *Livro de Ícaro*, na exposição *Ícaro* (MAC-PR, 2016), Edilson Viriato (1966) na mostra *Queer Quarrel* (Galeria Airez, 2017) e Leonardo Mercher (1985) com sua série *Queer Lights* na mostra *Tempo que passa...* (UP, 2022). Esses cinco artistas não resumem a totalidade da produção de arte digital ou arte *queer* em Curitiba, mas se colocam aqui como um começo possível à investigação sobre acesso e conservação dessa arte.

Partindo das exposições para seus respectivos trabalhos, começamos aqui com Raul Cruz (1957-1993). Curitibano, o artista Raul Cruz talvez seja um dos primeiros a tratar a homossexualidade e a soropositividade do HIV ao final dos anos 1980 e que nos chega ao tempo presente por meio de mostras de acervos, pesquisas acadêmicas e relatos de outros artistas que reconhecem sua influência em suas produções. Coursou por três anos a Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP, atualmente Unespar), sem concluir, e se dedicou a diversas produções artísticas e culturais, como desenhos, pinturas, gravuras, cenografias e figurinos para teatro, textos e integrou coletivos como Bicicleta e Moto Contínuo (com

Denise Bandeira, Eliane Prolik, Geraldo Leão, Mohamed Ali El Assal e Rossana Guimarães), vivenciando a *Geração 80* da pintura no Paraná. Curiosamente Raul Cruz foi objeto, nos anos 2010, de estudos acadêmicos de André Malinski, nosso segundo artista investigado.

Ainda que Raul Cruz não tenha experimentado a arte digital nas redes sociais, sua obra se coloca como importante referencial para artistas futuros. Segundo Malinski (2019, p. 17), Cruz foi um “influyente participante no cenário cultural de Curitiba no período de abertura política na década de 1980.” Suas pinturas eram expressivas e ganhou carga dramática (Figura 1) após o artista compartilhar com seu público sua condição soropositiva para o vírus HIV, falecendo em 1993 por complicações da infecção.

FIGURA 1 – Alguns trabalhos de Raul Cruz



Fonte: Da esquerda para a direita: (1) Pintura-desenho sem título, 1982, acrílica, giz pastel oleoso e grafite s/ papel, 70x50cm (in) Malinski, 2019, p. 65; (2) A cama do artista, 1985, acrílica s/ tela, 130x90cm (in) Malinski, 2019, p. 169; (3) O princípio da ciência, 1990, acrílica s/ tela, 80x80cm (in) Artes Visuais FAP/PIBID - Raul Cruz, 24/07/2015; (4) Linoleogravura sem título, 1991, 31x31cm (in) Malinski, 2019, p. 42.

O preto e cores próximas são frequentes em muitos de seus trabalhos, servindo como plano para construção das cores saturadas ou dando corpo às figuras centrais de suas pinturas. Figuras expressivas nos lembram de artistas expressionistas, como Ernst Ludwig Kirchner (1880-1938), que vivenciavam questões existenciais, de gênero e sexualidade (Dyke, 2020). Contudo, Raul Cruz retratava seu tempo e seus dilemas, como a abertura política brasileira, a efervescência cultural local e as reflexões da epidemia da AIDS (1981-). Raul também era irmão do artista Foca (Luiz Alberto) Cruz (1963-2018) que produziu diversos trabalhos em arte digital e, em 2009, lançou um livro dedicado ao irmão, *Raul Cruz - Sonhos*, em um resgate pessoal à memória do neoexpressionista paranaense.

Raul Cruz, contemporâneo de André Malinski e Edilson Viriato em Curitiba, tendo os três passados pela EMBAP, em períodos diferentes, teve uma produção intensa que inspirou seus contemporâneos e gerações futuras sobre a pintura enquanto campo de expressão e debate das identidades de gênero e suas dinâmicas sociais. Não é à toa que muitos se identificam e se encontram enquanto grupo nas artes produzidas por ele. “Na exposição do Raul Cruz na FIEP, em 2014, tinha muita gente que estava ali porque se identificava tanto

com os trabalhos e principalmente com o artista e o que ele representa enquanto símbolo local *queer*. O André Malinski, por exemplo, o admirava bastante.” (Mercher, 2024).

André Americano Malinski (1966-2021) foi um desses tantos artistas curitibanos que nasceu em outra cidade. Natural de Marcelino Ramos (RS), passou a infância em São Jorge d’Oeste (PR) e mudou-se para Curitiba em 1981, onde explorou a moda e vestuário pós-punk. O artista se inspira nos trabalhos de Raul Cruz, dedicando, inclusive, sua carreira acadêmica à pesquisa do artista falecido em 1993. Apesar de terem idades próximas, nos últimos anos de vida de Raul Cruz, Malinski viveu alguns anos em São Paulo e depois fora do Brasil (Londres e Milão) e, ao retornar para o Brasil e se estabelecer em 1996 como artista visual, Raul Cruz já havia falecido. É nesse retorno para Curitiba que passa a integrar, em parceria com Marco Antonio Teobaldo, o coletivo AnilinA, onde explora sua produção entre sagrado e profano (TV Paraná Turismo, 2023).

Os trabalhos de Malinski experimentam múltiplas linguagens e materiais, compondo colagens, esculturas e performances. Alguns de seus primeiros trabalhos foram criados sobre bulas de remédios, tratando sobre os desafios da dependência química e seus efeitos colaterais. Elementos da cultura *queer*, como o corpo humano profano e sagrado, e elementos da religiosidade brasileira, como valores cristãos, santas católicas e orixás, estão presentes em sua obra (Figura 2). Segundo a Associação Paranaense de Artistas Plásticos (APAP, 2021) Malinski buscava “trazer novos conceitos estéticos num equilíbrio entre o hedonismo e o kitsch”.

FIGURA 2 – Alguns trabalhos de André Malinski



Fonte: Da esquerda para a direita: (1) Luxúria, 2001, colagem de fotografia, montagem de objetos, Ø 37,5 cm, Série Sete Pecados, acervo MAC-PR; (2) Santo André de Anilina, instalação com fotografia, pedestal e arranjo plástico, s.d. (in) Exposição André Malinski no Céu, MAC-PR, 2023; (3) Imaculada-Redentor, s.d., estudo em pintura digital para realização de trabalho da Série Sincretismos, 2014, acervo MAC-PR.

Seus trabalhos ganharam destaque em diversas exposições, coletivas e individuais, recebendo, assim como Raul Cruz, exposições in memoriam pelo Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC) - que hoje possui mais de 170 trabalhos do artista - e integrando a memória local na exposição Memória da (R)Existência LGBTI+ no Paraná

(2023) pelo Museu da Imagem e do Som do Paraná (MIS-PR), em parceria com o Grupo Dignidade. Mas é possível ver em algumas matérias de divulgação da época a omissão do conteúdo homoafetivo de suas exposições, como pelo canal Paraná Turismo. Em reportagem de divulgação da exposição *André Malinski no Céu* (MAC-PR, 2023), as questões de gênero e sexualidade em sua arte são suprimidas, mencionando apenas as questões religiosas, kitsch e sobre o carnaval (TV Paraná Turismo, 2023). Essa omissão intencional é comum, quase sempre com o intuito de não agredir ou afastar o público geral, mas também não alcançando o público da arte *queer*. Diferentemente, na exposição do MIS-PR (2023), o foco na cultura LGBTI+ foi o centro, valorizando essa temática nos trabalhos de Malinski ali expostos.

Segundo o próprio artista, em seu vídeo de *Autoapresentação* (Malinski, 2020) é a partir de 2002 que passa a explorar desenhos e programas de arte no computador. As silhuetas de santos para a série *Sincretismos*, exposta em 2014 no Instituto dos Pretos Novos (Rio de Janeiro, RJ), refletem essa criação em duas fases: a digital. De suas artes digitais, peças e materiais eram trabalhados, como colagens de acetatos ou vinílicos sobre superfícies planas, ou até mesmo o recorte de chapas acrílicas e suas sobreposições enquanto esculturas. Mas, durante esse período, de 2002 até 2014, o artista revela que precisou dar uma pausa, em 2008, por questões de saúde mental, retomando as artes em 2012 pela academia (Malinski, 2020). Já nos últimos anos se dedicou ao que chamava de montagem performativa, quando encarnada a drag queen 'Mohana' (grafia transcrita de Malinski, 2020).

Malinski, para além das artes visuais em galerias, também explorou outros campos culturais como o carnaval, no bloco Garibaldi e Sacis. Mesmo depois de sua morte, em 2021, algumas de suas redes sociais (Facebook e Instagram) ainda permanecem ativas, mostrando o registro de seus trabalhos e interesses, como em fotografias urbanas e performances. Diferentemente de Raul Cruz, Malinski chegou a utilizar a internet como um meio de divulgação e conservação de seu trabalho para além dos acervos físicos dos museus - mas resta saber até quando seus perfis irão permanecer acessíveis ao grande público.

Um desafio que encontramos em coleta de dados de Malinski foram as datas de seus trabalhos e a ausência de um portfólio digital ou catálogos digitais das suas exposições. Como alguns trabalhos são digitais e outras composições escultóricas, fica difícil encontrar informações sobre dimensões e extensões dos arquivos digitais, muitos dos quais são acessíveis enquanto artes de divulgação em canais de notícias - que também podem ser corrompidos pelo tempo. Imagens de seus trabalhos e exposições em vídeos institucionais não são suficientes para acessar as informações técnicas.

Aos artistas com produção corrente temos André Serafim, Edilson Viriato e Leonardo Mercher. Sobre Edilson Viriato (1966) sabemos que é natural de Paraíso do Norte (PR), onde aos 15 anos já frequentava o ateliê da artista mineira Marize Canabrava e, aos 17 anos, se

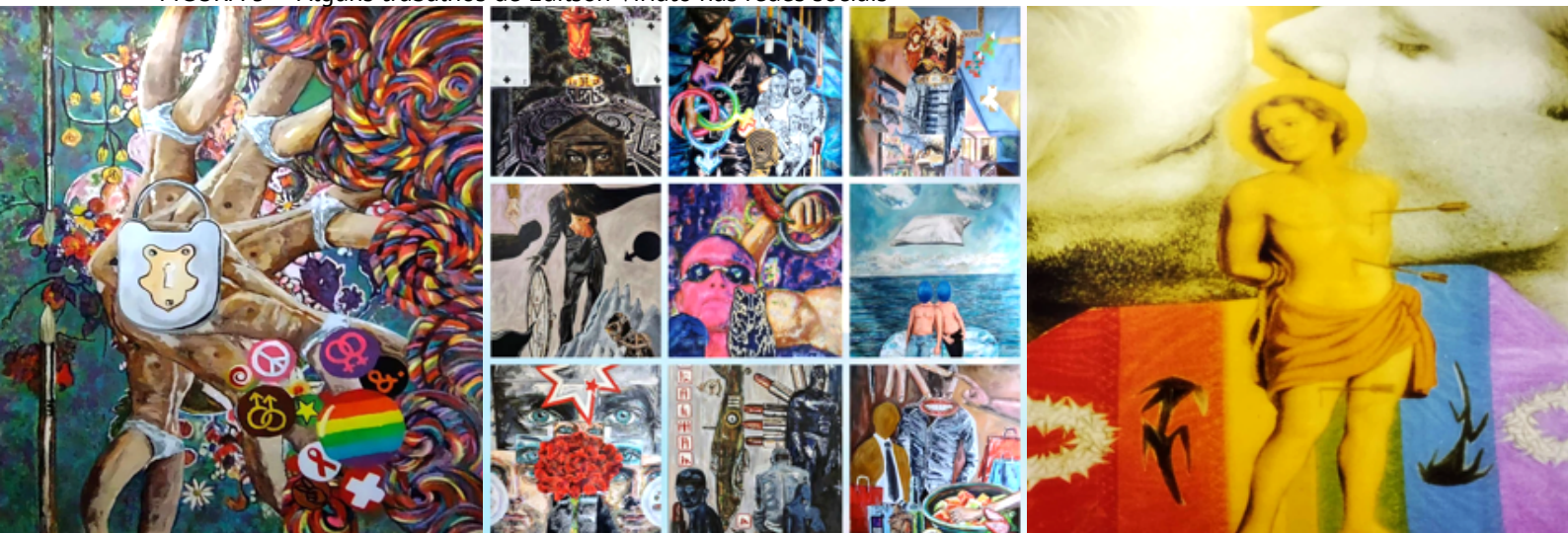
muda para Curitiba e presta vestibular para Arquitetura e para Artes, seguindo a segunda e se formando na EMBAP, em 1988. Estudou ainda dez anos ballet clássico no Teatro Guaíra, tendo a dança e o teatro um importante espaço em sua formação profissional. Essas práticas artísticas, conjugadas, refletem em sua primeira performance internacional, aos 25 anos, na Noruega, com o tema da AIDS (TV Assembleia do Paraná, 2022).

Sua carreira internacional se deu logo após participar da Bienal de São Paulo, em 1991. Em 1992 e 1993 viaja e trabalha pela Europa conseguindo importantes conquistas como artista e, em seu retorno ao Brasil, decide por uma imersão institucional, participando de diversos salões e exposições e ganhando prêmios que possibilitaram sua estabilização em Curitiba - a compra de seu primeiro apartamento (TV Assembleia do Paraná, 2022). Só após essa jornada institucional é que, segundo o próprio artista, o mercado das galerias comerciais passou a procurá-lo cada vez mais (TV Assembleia do Paraná, 2022). Em 2017, participou da exposição coletiva *Queer Quarrel* na Galeria Airez, juntamente com outros artistas, enquanto ato de resistência às censuras que ainda ocorrem à arte *queer* no Brasil. Atualmente possui um dos mais antigos ateliês abertos em atividade de Curitiba, ministrando cursos e formação complementar a artistas iniciantes e profissionais.

No que diz respeito aos seus trabalhos, uma fase marcante de sua vida foi a epidemia da AIDS. Abertamente gay, Edilson Viriato perdeu amigos, ídolos e teve que lidar com o preconceito da época pelo fato da infecção ser associada à comunidade gay (TV Assembleia do Paraná, 2022). Como um movimento de rebote ao preconceito do período, sua arte carregava nas cores e formas eróticas que, segundo entrevista com o artista, até hoje traz uma fama de arte agressora - justamente por se colocar criticamente ao sistema binário de gênero e aos tabus sobre a sexualidade. Nesse ponto, podemos dizer que a arte de Edilson Viriato se enquadra no conceito de artista não heteronormativo e da arte *queer* de Lord e Meyer (2013): práticas culturais que se opõem à heteronormatividade.

Apesar de ter construído uma carreira com a arte material, Edilson Viriato utiliza das redes sociais, como o Facebook e o Instagram, para divulgar e compartilhar trabalhos, tanto em fotografias dos originais, como em arte digital e edições (Figura 3).

FIGURA 3 – Alguns trabalhos de Edilson Viriato nas redes sociais



Fonte: Da esquerda para a direita: (1) Série Presença, s.d., acrílica sobre tela, 1,40x1,30cm (in) Instagram Edilson Viriato, 4ª imagem de 10, 08/12/2023; (2) 9 Pinturas Acrílica sobre Canvas da Série: “Presença”, s.d., 1,40x1,30cm (in) Instagram Edilson Viriato, 1ª imagem de 2, 19/11/2023; (3) Colagem, fotomontagem sem título, s.d., fine art sobre papel, 0,92x0,80cm (in) Instagram Edilson Viriato, 1ª imagem de 6, 28/10/2021.

O artista cria formas de apresentação dos trabalhos em superfoco (detalhe expandido de um trabalho), agrupamentos (nove quadros em um só) e narrativas sequenciais. O desafio, assim como encontrado em Malinski, é a identificação de dados sobre cada trabalho, como a data e o título de realização. As redes sociais acabam por compartilhar a imagem e, a depender do artista, poucas ou nenhuma informação do trabalho é descrita. Entretanto, as imagens chegam ao público-alvo definido pelo artista quando esse utiliza das marcações (hashtags e algoritim) como: #edilsonviriato (o público que segue o artista); #galeriadearte (público que segue postagens de artes); #queercollage (público que segue a arte *queer* em colagem), dentre outras. Desse modo, as artes físicas (materiais ou analógicas) que são colocadas nas redes sociais em imagens (fotografias, arte digital e edições) passam a ultrapassar as paredes dos museus e galerias e alcançam os públicos mais diversos ao redor do mundo - desde que estejam seguindo esses temas em seus perfis.

Não é possível afirmar que a arte digital, por meio das redes sociais, alcança mais pessoas que um museu presencialmente. Contudo, é possível afirmar que, para os interessados, mesmo distantes, podem ter acesso ao que é produzido e postado pelos artistas. A arte digital, por sua vez, pode acabar reduzida à imagem, bem como ser impressa e reproduzida por outras pessoas sem autorização do artista. Inclusive hoje levantamos questões sobre as imagens que nós produzimos que passam a alimentar bancos de inteligência artificial (IA) para a criação das pinturas por IA.

Mas retornando ao artista Edilson Viriato. É possível ver como ocorre sua adequação às redes sociais e a essa nova forma de exposição. O próprio artista também posta fotos de sua rotina e de exposições, registrando o mundo da arte analógica (material) ao mundo da

arte digital. Nessa dinâmica fica avisado ao público das redes sociais que sua arte também está no mundo material, em alguma territorialidade, em um tempo e diante de um público presencial com experiências distintas do online.

Investigando agora o artista André Serafim, observamos arte produzida justamente para o acesso virtual, mas não necessariamente centrando toda ou boa parte da sua produção à temática da arte homoafetiva, como vista em Edilson Viriato. André Serafim (1965) é natural de Paranaguá (PR), onde ainda reside, e desde 2010 expõe seus trabalhos em Curitiba. Segundo o próprio artista, ainda criança “desenhava nus femininos e histórias com naves espaciais, que trocava por figurinhas ou entradas de cinema” (Serafim, s.d.). Em 1990, no Teatro Procópio Ferreira, em Guarujá (SP), fez uma exposição de aquarelas e desenhos que o levou, no mesmo ano, a sua primeira exposição em Paranaguá, no Conselho de Cultura. Algumas de suas exposições em Curitiba, destacadas pelo próprio artista em entrevista foram (Serafim, 2024): Paraná Tradicional (SEEC, 2000); Percepção e Sutileza (Museu de Arte do Paraná, 2000); Momento Transição (Moinho Rebouças, 2004); 7ª Mostra João Turin (Casa Andrade Muricy, 2005); 7 Virtudes (Memorial de Curitiba, 2007); Retrospectiva Artes Visuais - Mostra Regional (SEEC, 2011); Ícaro (MAC-PR, 2016); e Novos Caiçaras (UFPR, 2023).

Em entrevista para a presente pesquisa André Serafim responde a pergunta ‘Quais temas estão presentes em sua arte?’: “A temática sempre está relacionada com o ser humano, o pensamento, a reflexão, e o olhar buscador - eu como espelho e reflexo dentro de um universo compartilhado, observador e observado” (Serafim, 2024). Não é difícil identificarmos questões existenciais como o amor, afeto, solidão, romance, fuga, viagem, o desconhecido, futuro, tecnologia, o hermo e o urbano em seus trabalhos. Por meio do que chama de narrativas ou arte sequencial temos histórias que se desenrolam, quadro a quadro, em arte digital, sonorizadas com músicas do synthpop (pop sintético).

Dois de seus trabalhos, *O Livro de Icarus* (trabalho integrante da obra Ícaro, junto aos artistas Beni Moura e Marcel Fernandes, MAC-PR, 2016) e *Love to Another* (Canal do André Serafim no Youtube, 2020) nos trazem histórias de afeto com uma estética de paisagens urbanas, surreais e futuristas, que valorizando a própria arte digital e seu meio de acesso ao público em narrativas visuais (figura 4). O *Livro de Icarus* também está disponível em seu canal no Youtube (Serafim, 2020) em duas versões, onde na mais antiga (*O Livro de Icarus Oficial 1*) mantém o trecho da música original de Kate Bush e seu Aerial.

FIGURA 4 – Alguns trabalhos digitais de André Serafim



Fonte: Da esquerda para a direita: (1), (2) e (3) Cenas do Livro de Icarus, arte digital (in) Youtube: André Serafim, 11 jun. 2020; (4) Cena de Love to Another, arte digital (in) Youtube: André Serafim, 14 jul. 2020.

Elementos como a flor coração aparecem em diversos de seus trabalhos, representando o amor (quando vermelha) e tesouros afetivos (quando dourada), como diz em entrevista para a UFPR Litoral (Nucleoart UFPR, 2020). O nu masculino e feminino também estão presentes em alguns de seus trabalhos, na verdade, poucas diferenças entre corpos masculino e feminino são perceptíveis em alguns de seus desenhos. Suas pinturas digitais, como as 54 que compõem *O Livro de Icarus*, criam sequencialmente suas narrativas em livro de artista. Essas narrativas possuem planos amplos de cores homogêneas, traços curtos manuais e preocupação com perspectivas, valorizando a profundidade e, por vezes, ressaltando o isolamento dos corpos e figuras que preenchem a cena. Além da flor coração, quase sempre temos elementos como o homem, o espaço e a nave viajante por essas paisagens amplas.

O afeto nesses dois trabalhos (*O Livro de Icarus* e *Love to Another*) pode ser visto em encontros e desencontros das figuras, bem como em elos físicos e por objetos deixados e encontrados em cenas seguintes. Quase sempre temos figuras, ou personagens, que buscam algo ao longo da narrativa, seja o amor, seja outros mundos. Mas, apesar de algumas cenas nos levar a interpretar narrativas homoafetivas, nem sempre em seus trabalhos essa temática será tratada de forma explícita. Em muitos casos são narrativas solitárias, como em *O Jardim de Sirius* (2022), onde as figuras seguem suas jornadas em busca de algo não definido em meio às flores de coração. Cores como o azul e o vermelho e os traços em preto são bastante utilizados em suas composições, reforçando suas influências dos quadrinhos e da própria tecnologia da arte digital.

Segundo o artista, a sua transição das artes materiais para a digital se deu de forma intuitiva e experimental, como conta em entrevista para o canal no Youtube Conhecendo e Vivenciando as Artes Visuais (2022): “A parte digital foi bem instintiva. Em 2004 eu comecei a pesquisar sobre softwares digitais, sobre fotografia mobile e fui me especializando mais instintivamente. Não fiz nenhum curso na área digital” (Conhecendo e Vivenciando as Artes Visuais, 2022). Contudo, seus estudos em desenho industrial e publicidade trouxe um ‘know

how' (saber fazer) no universo digital que hoje seria “um dos carros-chefes do meu trabalho” (Conhecendo e Vivenciando as Artes Visuais, 2022). Tendo sua influência inicial no cinema (pinturas de fundo das cenografias), das histórias em quadrinho e na música synthpop, André Serafim consegue tratar de temas existenciais ao humano em soma às realidades futuristas projetadas por ele.

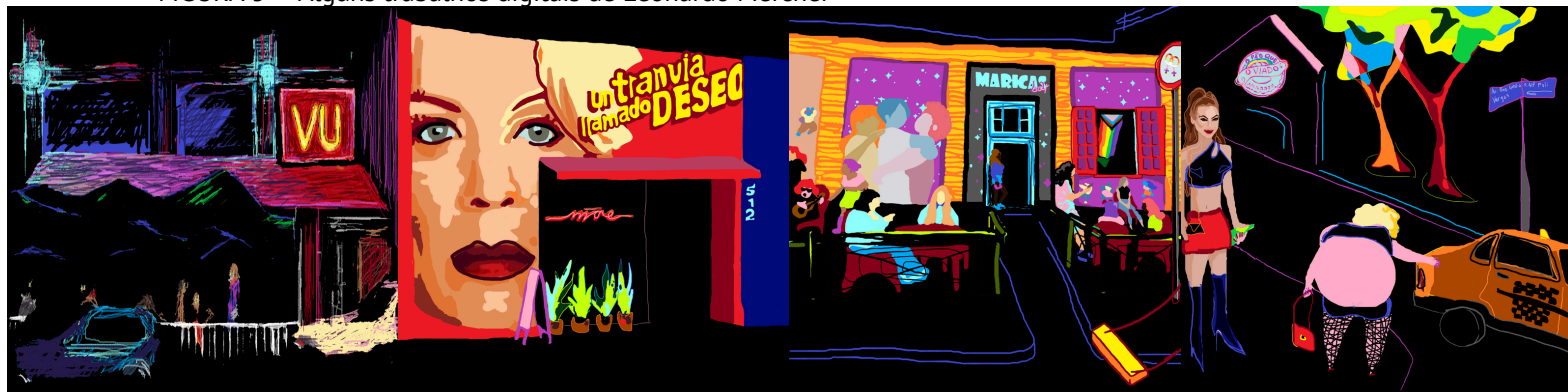
Já sobre o acesso aos seus trabalhos e a conservação de sua arte digital, o artista se preocupa e disponibiliza seus trabalhos em diversas plataformas. É possível encontrar trabalhos no Youtube (André Serafim), Webnode (art-and-cinema1, pequenos-livros, sirius—as-cronicas-estelares, andre-serafim-e-o-livro-de-icaro4), como também em suas redes sociais, como no Instagram, e em artigos científicos (por Juliano Antocevez e por Mariza Bertoli) e outras publicações disponíveis na internet. Como suas narrativas visuais - seus ‘pequenos livros’ - possuem diversos quadros (imagens), cada qual possui um valor de unidade que, a partir da montagem sequencial, somam-se e criam um livro de artista digital, com um valor único. Cada imagem pode ter um título e uma técnica diferentes - e isso permite que o artista explore diversas possibilidades das tecnologias correntes. Para a entrevista o artista ainda respondeu que a conservação se dá tanto por sua iniciativa, como por outras instituições: “como IHGP (Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá), SECULTUR (Secretaria Municipal de Cultura de Paranaguá) e na rede de internet (Cloud, Sites)” (Serafim, 2024).

Por fim temos Leonardo Mercher (1985), natural de Niterói (RJ) que, aos nove anos deixa sua cidade natal e passa a morar em diversas localidades no Estado do Rio de Janeiro, morando dos 16 aos 25 anos no bairro do Leme, na capital. No Rio se formou em Relações Internacionais e trabalhou na ONU (Palácio Itamaraty) e no Consulado dos Estados Unidos, onde se aproximou de Ferreira Gullar em um evento artístico-diplomático que o incentivou a continuar no caminho das artes. Rogéria e Elke Maravilha, suas vizinhas no bairro do Leme, o levaram a apreciar a estética *queer* e maximalista de artistas das noites cariocas. Em 2010 se muda para Curitiba para seguir o mestrado e o doutorado em Ciência Política na UFPR e, paralelamente, estuda na EMBAP (2012-2016) após apoio de professores como José Carlos Fernandes (seu orientador na PUC-PR), Giane Fischer, Lilian Gassen e Nara Lima. É na EMBAP que expõe suas primeiras séries sobre a noite curitibana em serigrafias e, mais tarde, se desdobram na série *Queer Lights* (2016-2023) de pinturas digitais (Entrevista com Artistas & Afins, 2023).

Sua série *Queer Lights* (figura 5) traz paisagens urbanas das noites de Curitiba, Rio de Janeiro, Maceió, Berlim, San Francisco e Montreal, cidades por onde viveu ou passou longos períodos. Foi com a produção derivada das paisagens noturnas de Curitiba que participou das exposições *Sobre Posições* (EMBAP, 2016), *Tempo Pra Quê?* (UP, 2017), *Tempo Que Passa...* (UP, 2022), *Ocupação A Casa* (2022), *Olhares de uma Cidade em cerâmica: 350 Anos de Curitiba* (Museu Guido Viaro, 2023) e *6º Salão de Artes de Pinhais* (Pinhais, 2023). Na UP

(Espaço Expositivo da Universidade Positivo), pode expor 30 de suas pinturas digitais que foram impressas em 25x25cm, levantando o dilema da arte digital que retorna à arte material. “Eu imprimo e ocupo as paredes se não tiver aparelhos digitais na sala. Mas tem lugar que não aceita arte impressa, só pintada tradicionalmente. Já colocam isso em edital.” (Mercher, 2024).

FIGURA 5 – Alguns trabalhos digitais de Leonardo Mercher



Fonte: Da esquerda para a direita: (1) Velvet Underground, 2020, pintura digital, 25x25cm (in) Pinterest: Leonardo Mercher; (2) Bar Mãe, 2021, pintura digital, 25x25cm (in) Pinterest: Leonardo Mercher; (3) Maricas Bar, 2022, pintura digital, 25x25cm (in) Pinterest: Leonardo Mercher; (4) Avenida Getúlio Vargas (Rebouças), 2020, pintura digital, 25x25cm (in) Pinterest: Leonardo Mercher.

Os trabalhos feitos digitalmente são pinturas de planos com desenhos de riscos curtos coloridos sempre sobre uma base preta. As pinturas digitais que retratam as noites curitubanas trazem espaços e territorialidades LGBTQIA+. Sobre isso, o artista diz: “Viver a noite nem sempre é apenas uma opção. É na noite que muitos grupos sociais podem se encontrar e criar identificação e pertencimento em ambientes de acolhimento como os que pinteí nessa série” (Mercher, 2024). Nem todos os ambientes continuam existindo e, segundo Mercher, é exatamente por isso que é importante registrar esses espaços: “Mais do que festejar a noite, o que proponho é a memória *queer* que é constantemente apagada em uma sociedade heteronormativa. Veja o que aconteceu com os filmes do Levi Salgado e Lady Francisco” (Mercher, 2024) se referindo aos filmes homoafetivos nacionais dos anos 1970 e 1980 que a censura barrava. Para o artista existiria uma política do esquecimento intencional sobre a produção cultural de minorias sociais. Dessa forma, seu trabalho tenta registrar a vida acontecendo a partir de suas experiências e memórias - haja visto suas pinturas que resgatam suas vivências também em outras cidades, como o Rio de Janeiro.

Sobre se a arte digital deixa de ser digital ao ser impressa como uma gravura, o artista diz: “Então, para mim a criação é digital. Não importa se está em uma tela de celular ou impressa em papel” (Mercher, 2024). Em relação à venda de seus trabalhos acrescenta: “Comercialmente eu posso imprimir e assinar como gravuras, o que faço às vezes. Mas só assino depois da exposição porque já me roubaram algumas durante uma exposição. Só que

levaram sem minha assinatura” (Mercher, 2024). Além das exposições presenciais, ocorre o compartilhamento dos trabalhos digitais nas redes sociais, como o Instagram e o Pinterest. Nesse caso, o registro fica na informação de origem do arquivo e registrado no e-mail ou mensagem para o comprador, onde consta assinatura digital do artista e o número da cópia, fazendo no máximo três cópias por arte.

Em relação ao acesso aos trabalhos, o artista responde: “Nas redes sociais muita gente tem acesso. Quem segue hashtags já segue o que quer ver, então o público da arte *queer* já está lá, acabam recebendo a minha arte, assim como também recebi” (Mercher, 2024). Possivelmente a mediação de uma rede social é mais rápida do que a de um museu que só quem está ali na cidade, naquele dia e naquela hora é que podem ir lá ver. Porém, como já mencionado, o virtual não substitui o presencial. Mas sem dúvidas aumenta bastante o alcance de uma produção digital em relação a uma escultura fincada em uma cidade, por exemplo.

Sobre a conservação Leonardo diz: “Algumas peças físicas eu acabo destruindo depois da exposição. Já arte digital eu salvo no Google Drive, Instagram e no Pinterest, mas também coloco em um documento de texto, tipo portfólio, e público no Academia.edu.” (Mercher, 2024). Seu *Portfólio 23* (Mercher, 2023), de fato encontra-se no Academia.edu, onde consta a trajetória de seus trabalhos, características, ano e exposições. Além dos trabalhos de artes é possível ver ses científicos e até uma peça de teatro *queer* denominada *A Jaula de Vison*. Mas a qualidade das imagens tende a cair em um arquivo de texto. Ainda que o registro visual permaneça acessível ao público, é preciso ir em diferentes redes sociais se buscarmos arquivos com alta qualidade. Dessa forma compreendemos que a conservação, no caso dos artistas aqui tratados, depende, em grande parte, do próprio artista.

3 O DILEMA DO PÚBLICO: DOS MUSEUS ÀS REDES SOCIAIS

Em relação à arte material e a arte digital precisamos compreender que as tentativas de explicar essa realidade se encontram em diversos ensaios e trabalhos científicos, como os de Interestética (Arantes, 2005). Priscila Arantes (2005) tenta demonstrar que a *art net* (arte digital ou virtual) é uma realidade no Brasil e no mundo e que preconceitos sobre a arte digital ser inferior à arte material não faz sentido, nem mesmo de compreender a arte digital enquanto um mundo separado da arte material. “Ampliar a noção de interface nos permite, também, questionar fronteiras rígidas entre determinados conceitos, tais como perto-longe, dentro-fora, natural-artificial” (Arantes, 2005, p. 64). Ficar se questionando se a arte digital impressa deixa de ser arte virtual é quase uma perda de tempo, da mesma forma que a arte material que vai para as redes sociais também não deixam de ser arte material. O que ocorreria é a ampliação de suas interfaces: uma arte digital também ganha experimentações estéticas presenciais (materiais) e vice-versa. Sendo assim, passamos para

questões das interfaces que expõem esses trabalhos. Mas, em uma tentativa rápida de diferenciá-las, podemos dizer que a arte digital requer meios digitais para criação e conservação (computadores e softwares) e, se for virtual ainda precisará de meios de exposição virtuais (redes sociais, sites e computadores). Já a arte material seria a tradicional, criada por materiais e física, com extensa literatura para sua tipificação (pintura, escultura e gravuras) e conservação (meios materiais de acervos, bibliotecas e galerias).

Se tiramos uma fotografia de um trabalho e colocamos na internet, esse trabalho que antes era material se torna digital/virtual? A resposta é não. A fotografia se torna um registro, ou no máximo um outro trabalho digital que é exposto em meio virtual (em algum perfil social ou site). Já o contrário, quando uma arte digital é impressa ela continua sendo digital, mas agora conta com um registro material. Poderíamos dizer que a arte digital se sobrepõe ao meio material, enquanto o inverso não ocorreria. Para classificação e tipificação de catalogação e conservação de um trabalho artístico o usual é identificar o meio de conservação: material ou digital. A conservação de registros impressos de uma arte digital não elimina a necessidade de sua conservação digital. Já o contrário, uma arte material não necessariamente precisa de registros e conservações digitais. Uma estátua não precisa ser digitalizada para que sua conservação seja plena.

Ao observar os artistas e seus trabalhos percebemos um dilema para muitos: expor em museus ou expor diretamente nas redes sociais? Será que o ineditismo dos editais de salões de arte interfere no compartilhamento pela internet? Sabemos que os tempos são outros se olharmos para Raul Cruz e os meios que ele contava para realizar suas exposições. André Malinski, Edilson Viriato, André Serafim e Leonardo Mercher já puderam experimentar o compartilhamento de seus trabalhos por suas redes sociais. Além disso, esses artistas criaram trabalhos digitais refletindo as novas tecnologias da comunicação visual. Os casos de André Serafim e Leonardo Mercher mostram que ambos produzem arte digital com a finalidade da própria internet e seus meios (sites, redes sociais, plataformas de vídeos etc.). Mas será que o público do museu é tão diferente assim das redes sociais? Vamos tentar responder as perguntas aqui levantadas.

Primeiramente é possível expor tanto em museus como nas redes sociais. Caso existam cláusulas de ineditismo, ou seja, um trabalho só pode ser exposto no museu se não foi exposto em outro ambiente, será preciso manejar a situação expondo primeiramente no ambiente que exija o ineditismo. Mas será que compensa esperar tanto tempo? Por vezes não. Conforme Leonardo Mercher diz em sua entrevista: “Quando termino um trabalho quero colocar logo nas Redes Sociais e se um edital de museu presencial exigir ineditismo eu acabo fazendo um trabalho só para ele ou nem participo” (Mercher, 2024). Geralmente as cláusulas de ineditismo se referem a ter participado de outros salões de artes e competições, não impedindo a exposição anterior em redes sociais pessoais dos artistas. Contudo, é sempre bom ter ciência de que pode ser um empecilho.

Em relação ao público, não podemos ignorar uma afirmação de Pippa Norris (2011) sobre participação política na internet: só participa nas redes quem já tem interesse e participa aqui fora. Talvez isso sirva também para as artes, visto a seleção das marcações (hashtags e preferências em cada plataforma). Com isso, na maioria dos casos, só quem já tem interesse em arte *queer*, ao criar uma conta em uma rede, marcará para seguir esse conteúdo. Então, localmente é provável que quem siga o artista é quem eventualmente iria ou já foi em uma de suas exposições. Mas o ganho das redes sociais está justamente em alcançar pessoas geograficamente distantes do artista.

As trocas entre artistas de diferentes realidades fortalecem o reconhecimento de uma cultura *queer* e elementos que agregam valores ao movimento artístico. Como mencionado, ainda no início do texto, essa arte pode ser apenas uma temática crítica à heteronormatividade, mas também expressão de vivência e meio de aproximação de minorias sociais em torno de um movimento social e político que transpassa fronteiras nacionais. As redes sociais, portanto, servem como canais de um movimento artístico que ocorre simultaneamente em diferentes localidades. Agora, será que essa mediação das redes sociais é neutra?

Chegamos a outro desafio: os filtros e interesses das empresas que administram esses canais na internet. Não é de hoje que determinados conteúdos são censurados e barrados no compartilhamento em redes como o Facebook e Instagram. Da mesma forma, usuários que se sentem incomodados com postagens podem denunciar à administração da plataforma o conteúdo e até o seu autor. Com isso, para além das diretrizes de uma plataforma, que pode proibir o nu frontal, por exemplo, também existe o clive dos demais usuários - que nem sempre serão favoráveis às críticas à heteronormatividade. Se empresas buscam lucro e possuem seus próprios valores, é possível que na mediação de um conflito - entre um artista *queer* e um usuário crítico ao movimento - os administradores possam punir essa arte em detrimento da manutenção do interesse de uma maioria - que lhe gera lucro. Voltamos então à realidade de minoria, não só de direitos, mas também de espaços presenciais e virtuais.

No Brasil tivemos momentos de censura e suspensão de exposições de arte *queer*, como a *Queermuseu - cartografias da diferença na arte brasileira*, no Santander Cultural, 2017, em Porto Alegre (RS), que gerou reações como a exposição *Queer Quarrel* (Galeria Airez, 2017), em Curitiba, com participação do Edilson Viriato (figura 6). Essas iniciativas em Curitiba e em outras cidades, enquanto protesto e valorização da arte e da cultura LGBTQI+, se espalharam nas redes sociais e resultaram, em 2018, na reabertura do *Queermuseu* no Parque Lage do Rio de Janeiro (RJ).

FIGURA 6 – Cartaz da exposição Queer Quarrel, 2017



Fonte: Galeria Airez, imagem de divulgação, 2017.

Alguns espaços públicos, como o Museu da Imagem e do Som do Paraná (MIS-PR) também promoveram a arte e a cultura *queer* na exposição já mencionada *Memórias de (r)existência LGBTI+ no Paraná*, em 2023. Entre trabalhos de Raul Cruz e André Malinski, estava a bandeira vermelha de Francisco Mallmann onde se lia em letras pretas “A memória é uma ação política” (Mallmann, 2019, acervo do MAC-PR). Mas sabemos que esses espaços públicos podem variar suas políticas de acolhimento à cultura destoante, conforme as mudanças políticas de seus gestores e governantes. Com isso, é difícil assegurar espaços livres para a cultura *queer*, tanto em espaços físicos como virtuais. Mas enquanto houver possibilidades, todos os espaços deverão ser preenchidos - como mostram os artistas aqui mencionados.

Se nos museus o público é diverso, nas redes sociais cabe ao artista definir seu público-alvo a partir dessas marcações de interesses. Por questões de algoritmos, é quase impossível que pessoas aleatoriamente encontrem conteúdos não promovidos ou de interesse prévio em suas páginas (feeds). Sendo assim, a lógica que o artista precisa passar para as redes sociais é a de tanto produzir, alimentando constantemente com novos trabalhos para que as plataformas mantenham a divulgação, mas também encontrar caminhos para chegar ao seu público-alvo, tanto com apoio, como burlando os algoritmos virtuais. Como alguns artistas aqui analisados demonstraram, é preciso estar presente em diferentes meios de acesso virtual e, caso as plataformas não suportem os trabalhos, é preciso ir em busca de novas - ou até mesmo de criá-las.

4 O DILEMA DA MEMÓRIA LGBTI+: CONSERVAÇÃO DE ACERVOS FÍSICOS E DIGITAIS

Como já mencionamos, tudo que se opõe ao tradicional e desejado pela maioria tende a cair no esquecimento. A produção das minorias sociais (e de direitos) podem ser colocadas de lado ao não receber incentivos financeiros para sua manutenção, bloqueios e censuras para exposições e acervos públicos - e até privados, como no caso do Santander Cultural, em Porto Alegre. A conservação de acervos físicos, quando conseguem entrar em espaços institucionais, ocorre da mesma forma que os demais trabalhos: pinturas e esculturas serão bem acondicionadas e restauradas eventualmente. O risco de gestores em destruir peças que vão contra suas crenças até existe, mas cairia em uma outra temática de investigação.

Já em relação aos acervos físicos em coleções particulares, como acondicionadas na casa ou ateliê do próprio artista, pode sofrer negligências materiais (financeiras) e até mesmo não ter a devida atenção dos responsáveis. Não é incomum que familiares acabem doando, jogando fora e outras ações em que o pesquisador perde o acompanhamento e paradeiro da obra. Incêndios, como ocorreu com parte do acervo de Hélio Oiticica, no Rio de Janeiro, furtos e esquecimento por anos dos trabalhos, afastam o público de trabalhos que poderiam contribuir para a arte local. Ainda que existam legislações para proteger o patrimônio artístico nacional, na prática nem sempre isso ocorre. Quando o artista ainda produz arte *queer*, pode ser confrontado com valores críticos de familiares e responsáveis que só prejudicam a sua conservação.

Entretanto, existem instituições da sociedade civil organizada, como o CEDOC do Grupo Dignidade (Centro de Documentação Professor Doutor Luiz Mott), em Curitiba, que faz um trabalho de armazenamento, catalogação e disponibilização de diversos materiais da cultura LGBTI+, local e nacional. Seu acervo, por exemplo, é utilizado por pesquisadores e até compõe exposições como a já mencionada no MIS-PR, em 2023. Existem ainda iniciativas em conservar materiais digitais, mas ainda exige maior tempo para sua ampliação. Falando em conservação de materiais digitais, chegamos ao dilema da conservação da arte digital *queer* em nossa realidade.

Como demonstramos, tivemos dificuldades em encontrar trabalhos dos artistas pesquisados na internet com suas principais informações (título, ano, técnica, dimensão e acervo). É possível que artistas mantenham essas informações anotadas em algum arquivo pessoal, impresso ou digital, mas esse, por sua vez, não chega ao grande público. Quando um artista falece, desaparecem muitas informações sobre sua produção. Museus e galerias possuem os acervos, mas também podem ter dificuldades em disponibilizar permanentemente em seus sites as fotografias e informações de cada peça. Catálogos de exposições realizadas, também não trazem todas as informações - isso quando ainda estão disponibilizadas na internet. Por vezes, é preciso recorrer aos perfis e sites dos artistas.

Os sites e perfis dos artistas, contudo, parecem ter certa data de validade. Após a morte, muitos sites são suspensos por falta de pagamento, ou são corrompidos pelas mudanças nas bases de programações que precisam ser substituídas por novas - e não são. Também temos a exclusão de perfis que ficam inativos pelos provedores, bem como o próprio fim de provedores, como já aconteceu em redes sociais antigas, como o Orkut e Fotolog. Nesses casos, o que fazer? Algumas soluções estão em salvar as imagens e suas informações em arquivos, como em extensão .pdf, e subir em diferentes sites de acesso público, como o Academia.edu, sites de museus e até mesmo em publicações como e-books, pela Amazon, por exemplo. O tempo pode acabar com todas essas opções, mas dará chances para que futuros pesquisadores entrem em contato e vão atualizando os meios de disponibilização.

Artigos científicos, pesquisas publicadas e livros digitais depositados em bibliotecas, como das universidades, também são uma forma de minimizar os riscos, visto que bibliotecas e periódicos tendem a repassar seu acervo para outras instituições caso precisem encerrar suas atividades. Mas nesse caso é preciso um esforço de pesquisadores dispostos a tal procedimento ou até mesmo do artista em compilar e publicar o conjunto de seus trabalhos. Por isso, mais uma vez, caímos em uma ausência de políticas públicas que preservem a arte no Brasil. Enquanto marginal para alguns, a arte *queer* ainda pode sofrer mais com esse cenário.

Por fim temos o avanço da inteligência artificial (IA) que utiliza do trabalho de artistas existentes para criarem artes, confundindo os artistas e o público que trabalha no campo digital e até censurando com suas versões suavizadas de trabalhos censurados ao grande público. Não entraremos no debate se artistas podem utilizar da IA para criar trabalhos, mas sim de que a IA pode criar falsos trabalhos de artistas e até se apropriar deles, confundindo pesquisadores e o público na hora de buscar trabalhos específicos.

Será que em uma busca por um artista conseguiremos distinguir quais são dele e quais foram criados pela IA, propositalmente colocados misturados? Além disso, questões financeiras e legais se colocam diante desse cenário: herdeiros e instituições que detêm os direitos podem criar realidades de imersão ou outras práticas que interfiram nos direitos morais do artista? São debates que, por falta de regulação jurídica, não teremos como responder no momento. Mas tudo indica que a IA pode auxiliar na recuperação de trabalhos, como também extrapolar para reproduções inimagináveis. Dessa forma, se possível, cabe ao artista e seus responsáveis organizar e definir os acervos e limites sobre suas coleções.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do presente texto registramos nossa pesquisa sobre alguns dos artistas que trabalham com arte digital e perpassam, ao longo de suas carreiras ou em momentos

pontuais, a arte *queer*. Conhecemos trabalhos de Raul Cruz e suas pinturas neo-expressionistas, André Malinski e Edilson Viriato em suas transições da arte física para o mundo digital e André Serafim e Leonardo Mercher com produções direcionadas ao compartilhamento virtual. Arte, tecnologia e questões de identidade de gênero se entrelaçaram aqui suscitando reflexões que consideramos importantes.

O debate do que seria a arte *queer* em Curitiba, ainda que limitada nesses cinco artistas, nos levou para temas como a eroticidade dos corpos, as angústias do existencialismo e de desafios comuns, como o HIV e a autoafirmação social, a territorialidade e o pertencimento. As pinturas, desde acrílicas sobre tela até as digitais, das instalações às narrativas de livros virtuais, compõem parte da história da arte em Curitiba a tratar de vivências e sentimentos sobre o presente e o futuro. O que os artistas aqui presentes nos proporciona é a reflexão sobre como um grupo social, constituído de pessoas de origens distintas, pode falar de forma tão profunda com o seu público, quase que em uma mesma voz.

A arte digital, assim como a arte material, pode ganhar diversas interfaces sem perder sua origem de criação. Imprimir arte digital não anula sua natureza de ainda ser arte digital, da mesma forma o inverso é verdade. Nesse sentido, os dilemas sobre acesso e conservação desses trabalhos, em especial os digitais, também se colocam como um desafio do nosso tempo em múltiplas interfaces. Se antes os trabalhos físicos poderiam ser recolhidos por instituições em seus acervos, hoje a arte digital segue envelhecendo e se perdendo em provedores e sites que, pouco a pouco, deixam de existir. Com esse apagamento virtual, muito da arte produzida em nosso tempo acaba se perdendo para futuras gerações. Enquanto pesquisadores, reforçamos nossas dificuldades em encontrar dados corretos sobre muitos dos trabalhos dos artistas. Aos que pudemos entrevistar conseguimos sanar dúvidas, mas aos que já se foram os canais de acesso diminuem.

Ao público presencial e ao público virtual também identificamos questões sobre os limites e filtros das instituições que tendem a dificultar o acesso. Além disso, também identificamos os desafios na conservação quando a arte *queer* se coloca como inconveniente a muitos grupos que rejeitam críticas à heteronormatividade, caindo duplamente nos desafios do esquecimento. Por fim, precisamos repensar estratégias para que essa arte das nossas gerações alcancem as futuras gerações para lembrá-las que a arte é um movimento constante de reflexões, consciências e vidas humanas que contribuíram, cada qual ao seu tempo e à sua maneira, com a realidade de desafios e possibilidades em que o tempo se faz presente.

REFERÊNCIAS

APAP - Associação Profissional dos Artistas Plásticos do Paraná. **Classe Artística em Luto**. Facebook, 16 nov. 2021.

ARANTES, Priscila. Arte e mídia no Brasil: perspectivas da estética digital. **ARS**, São Paulo, v. 3, n. 6, p. 52-65, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ars/a/GlpShm95ZD4fhsxPHLMgrng/?lang=pt>. Acesso em: 21 abr. 2024.

CONHECENDO e Vivenciando as Artes Visuais. **André Serafim**: Trajetória e obra. Youtube, 16 fev. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4lWvx_OuCC8&t=51s. Acesso em: 21 abr. 2024.

DYKE, James A. Van. On masculinity and male sexuality in Ernst Ludwig Kirchner's Soldiers' bath. **Art History**, v. 43, n. 5, nov. 2020, p. 892-926. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1467-8365.12531>. Acesso em: 21 abr. 2024.

ENTREVISTA com Artistas & Afins (Ana Mondini). **Leonardo Mercher**: arte digital; paisagens noturnas; queer. Youtube, 07 ago. 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uf5vDQ_tBNPY&t=148s. Acesso em: 20 abr. 2024.

GALERIA Airez. **Queer Quarrel**. Evento organizado por Galeria Airez, Facebook. Curitiba, 20 set. 2017. Disponível em: https://www.facebook.com/events/144449602827528/?context=%7B%22ref%22%3A%2222%22%2C%22feed_story_type%22%3A%2222%22%2C%22action_history%22%3A%22null%22%7D&pnref=story. Acesso em: 20 abr. 2024.

LORD, Catherine; MEYER, Richard. **Art and Queer Culture**. Nova York: Phaidon, 2013.

MAC-PR, Museu de Arte Contemporânea do Paraná. Exposições passadas, 2016, **Ícaro e o Labirinto** por André Serafim, Bení, Moura e Marcel Fernandes. Curadoria por João Henrique do Amaral. Curitiba: MAC-PR, 10 nov. 2016 a 05 mar. 2017. Disponível em: <https://www.mac.pr.gov.br/Pagina/Exposicoes-passadas>. Acesso em: 21 abr. 2024.

MAC-PR, Museu de Arte Contemporânea do Paraná. Exposições passadas, 2023, **Exposição André Malinski no Céu**, por Marco Antônio Teobaldo. Curitiba: MAC-PR no MON, sala 09, 28 jun. a 05 nov. 2023. Disponível em: <https://www.mac.pr.gov.br/Pagina/Exposicoes-passadas>. Acesso em: 20 abr. 2024.

MALINSKI, André. **Retratos Infames**: personagens representados pictoriamente por Raul Cruz na década de 1980 em Curitiba. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2019. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/60417>. Acesso em: 20 abr. 2024.

MALINSKI, André. **Autoapresentação André Malinski**. Youtube, 23 nov. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0sCJJFb2pOA&t=335s>. Acesso em: 20 abr. 2024.

MERCHER, Leonardo. **Portfólio 23**. Curitiba, 2023. Disponível em: https://www.academia.edu/101987214/PORTFOLIO_23. Acesso em: 21 abr. 2024.

MERCHER, Leonardo. **Entrevista estruturada cedida aos pesquisadores**. Curitiba: 18 de abril de 2024.

MIS-PR, Museu da Imagem e do Som do Paraná. **Exposição Memórias da (R)Existência LGBTQI+ no Paraná**. Curitiba: MIS-PR, 16 maio a 17 set. 2023. Disponível em: https://www.mis.pr.gov.br/sites/mis/arquivos_restritos/files/documento/2023-09/catalogo_memorias_da_resistencia.pdf Acesso em 20/04/2024. Acesso em: 21 abr. 2024.

NORRIS, Pippa. **Democratic deficit**: critical citizens revisited. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

NUCLEOART UFPR. **André Serafim (live)**. Youtube, 11 jul. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=G_7LVmzCLDw. Acesso em: 21 abr. 2024.

PARANÁ HISTÓRICA. **Gilda da Boca Maldita**, s.d. Disponível em: <https://www.paranahistorica.com.br/publicacoes/curitiba/313/gilda-da-boca-maldita>. Acesso em: 21 abr. 2024.

SERAFIM, André. **André Serafim**. Art and Cinema, Webnode, s.d. Disponível em: <https://art-and-cinema1.webnode.page/>. Acesso em: 21 abr. 2024.

SERAFIM, André. **O livro de Icarus oficial 1**. Youtube, 5 mar. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1svSQz39gOA>. Acesso em: 21 abr. 2024.

SERAFIM, André. **Entrevista estruturada cedida aos pesquisadores**. Curitiba: 20 de abril de 2024.

SESI FIEP, Serviço Social da Indústria da Federação das Indústrias do Paraná. **Exposição Cena Raul Cruz**. Curitiba, 24 ago. a 19 out. 2014. Disponível em: <https://www.sesipr.org.br/cultura/exposicao-cena-raul-cruz--1-14094-256280.shtml>. Acesso em: 20 abr. 2024.

TV Assembleia do Paraná. **Arte e Cultura na Assembleia - Edilson Viriato, pintor, escultor e desenhista**. Youtube, 02 dez. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d6lN35w0gQw&t=1s>. Acesso em: 20 abr. 2024.

TV Paraná Turismo. **Exposição 'André Malinski no Céu'**. Youtube, 03 nov. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nb9lBLWMHMM>. Acesso em: 20 abr. 2024.

UP, Universidade Positivo. **Exposição Tempo que Passa**. Curitiba: UP Experience e Central Press, 15 ago. a 15 out. 2022. Disponível em: <https://www.centralpress.com.br/tempo-que-passa-e-tema-de-exposicao-coletiva-na-universidade-positivo/>. Acesso em: 20 abr. 2024.

Recebido em: 13/09/2025
Aceito em: 13/11/2025